

ORAÇÃO

O MARCO FUNDAMENTAL DA VIDA CRISTÃ

Um dos marcos fundamentais da vida cristã chama-se “oração”, doutrina básica da nossa fé. Neste período de estudos teremos a oportunidade de nos aprofundar neste tema tão necessário hoje onde acompanhamos as inovações, a correria e a agitação que, de certa forma, está desviando ou até mesmo impedindo os cristãos de terem seu momento de meditação e reflexão no seu “quarto secreto”.

Ronald Rutter em seu livro “Doutrina bíblica da oração – O marco fundamental da vida cristã”, corrobora o nosso pensamento quando diz: “Há sempre uma razão para não orar. Agora não tenho tempo [...]! Acordei tarde e já estou atrasado para o trabalho! Estou muito cansado [...] e para orar devo estar descansado! Outra hora eu oro [...]! Depois [...], depois [...], depois [...]! E o Senhor “sobra”! Nem percebemos que ele não ocupa o primeiro lugar em nossa vida”.

Mas podemos mudar esse quadro e fazer com que a oração seja o marco fundamental da nossa vida cristã. Ao longo dos estudos você terá oportunidade de meditar no valor e significado da oração para sua vida. Experimentará também a sua eficácia na vida de hoje.

O suplemento terá como tema **“Meu espaço de oração”**. Esse espaço tem dois objetivos: o primeiro é para que você ore pelos pedidos sugeridos. O segundo é que você aumente a cada dia o seu tempo de oração. O nosso desejo é que você alcance esses objetivos que será bênção para a sua vida e para a vida daqueles que estão à sua volta.

COMPROMISSO

Destina-se a adultos (36 a 64 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical. Os adultos de 65 anos em diante podem usar esta revista, mas a CBB destina a eles a revista REALIZAÇÃO, cuidadosamente preparada para a faixa etária da terceira idade

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333
CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Eva Souza da Silva Evangelista

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
conviccao@conviccaoeditora.com.br

QUEM ESCREVEU

Quem escreveu as lições deste período foi o pastor Neuber Lourenço Pinto Corrêa, casado com Ruth Mara e pai de Paula e Liz. É pastor sênior da Igreja Batista da Orla de Niterói, RJ. Bacharel em Teologia pelo STBSB e pós-graduado em Missiologia pela FTSA – Formação em Liderança Avançada – Haggai Institute Singapore; Direito – BENNETT e MBA Administração FGV/RJ.

SUMÁRIO

ESTUDOS DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Introdução aos estudos da EBD	7
EBD 1 – O que é oração	10
EBD 2 – Oração e a queda	14
EBD 3 – A oração de Abraão – Oração de intercessão.....	18
EBD 4 – A oração de Moisés – Orar é se comprometer	22
EBD 5 – Oração e restauração.....	26
EBD 6 – Oração de Davi – Orar é se transformar.....	30
EBD 7 – Pai Nosso – a oração que Jesus ensinou – I.....	34
EBD 8 – Pai Nosso – a oração que Jesus ensinou – II.....	38
EBD 9 – O lugar da oração.....	42
EBD 10 – Paulo – Oração missional.....	46
EBD 11 – Oração e generosidade.....	50
EBD 12 – Oração e os não de Deus.....	54
EBD 13 – Oração e o caráter de Deus.....	58

VARIEDADES

Para você pensar: O pássaro e a oração.....	4
Hino da EBD: 378, HCC – Bendita a hora de oração	5
Ênfase do ano: Celebramos o reino quando vivemos os valores ensinados por Jesus.....	6
Pra saber mais: Mães unidas em oração internacional – Brasil – Um ministério segundo o coração de Deus	62
Lazer	63
Atividades do suplemento.....	64

O PÁSSARO E A ORAÇÃO

Você já percebeu que quando um pássaro dorme num galho de árvore, não cai? Como isso pode acontecer? E se nós tentássemos dormir desse jeito? Com certeza acabaríamos no chão.



O segredo dos pássaros está nos tendões de suas pernas. Eles funcionam de forma que, quando o pássaro está com o joelho dobrado, seus pés travam, segurando firmemente qualquer coisa. Seus pés somente irão “destravar” quando ele desdobrar o joelho para voar. Um joelho dobrado dá à ave força para segurar-se.

É incrível o que DEUS fez para que o passarinho possa descansar e dormir em segurança. Conosco isso não é diferente. Quando não conseguimos nos firmar em nosso “galho”, nossa vida fica difícil diante das dificuldades, achamos que a qualquer momento podemos cair, então devemos dobrar nossos joelhos, pois somente assim ganharemos forças para nos segurar firmes.

Dobre seus joelhos e quebrante-se diante do Senhor, pois Deus não resiste a um coração quebrantado.

“Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezará, ó Deus” (Sl 51.17).

(Autor desconhecido)

Extraído: marcioburgonovo.blogspot.com/2011/04/o-passaro-e-oracao.html

BENDITA A HORA DE ORAÇÃO

1. Ben-di-ta a ho-ra de o-ra-ção, pois traz-nos paz ao co-ra-ção e a -
 2. Ben-di-ta a ho-ra de o-ra-ção, pro-du-to só da de-vo-ção, que e -
 3. Ben-di-ta a ho-ra de o-ra-ção, de ple-na paz e co-mu-nhão, que

lí-vio dá em mei-o à dor, tra-zen-do mi-xi-lio do Se-nhor. Em
 le-va ao céu o seu o-dor, em do-ce chei-ro ao meu Se-nhor. E,
 traz-me fé e mais a-mor e en-che a vi-da de dul-çor. De -

tem-pos de per-tur-ba-ção, na dor mai-or, na ten-ta-ção, pro-
 fin-da a ho-ra de a-fl-i-ção, os di-as maus, a ten-ta-ção, en-
 se-joa vi-da-a-qui fin-dar com fé, a-mor, cons-tan-te-o-rar, e

cu-ra-rei com mais fer-vor a co-mu-nhão com o Se-nhor.
 tão da-rei me-lhor lou-vor a meu Je-sus, a meu Se-nhor.
 lá no céu de res-plen-dor eu can-ta-rei a Deus lou-vor.

HCC, nº 378

LETRA: Atribuída a William Walford, c. 1845

Port. Theodoro Rodrigues Teixeira (1871-1950)

Música: Willam Batchelder Bradbury, 1861

SWEET HOUR

8.8.8.8.D.

CELEBRAMOS O REINO QUANDO VIVEMOS OS VALORES ENSINADOS POR JESUS

Leonhard Goppelt em seu livro “Teologia do Novo Testamento” nos fala sobre o quanto “é importante sempre termos em mente que o reino de Deus está além da igreja e de nossas perspectivas teológicas. O reino se manifesta sempre que cumprimos e vivemos os valores ensinados por Jesus”.

Em um dos estudos deste período analisamos a oração do “Pai Nosso”. No versículo 12 de Mateus 6 lemos: “[...] e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como também temos perdoado aos nossos devedores; [...]”. Quando perdoamos o nosso próximo estamos vivendo os valores ensinados por Jesus e celebrando o seu reino.

Quando somos luz em meio às trevas estamos vivendo os valores ensinados por Jesus e celebrando o seu reino: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai, que está no céu” (Mt 5.16).

Quando ajudamos o próximo estamos vivendo os valores ensinados por Jesus: [...] porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me acolhestes; precisei de roupas, e me vestistes; estive doente, e me visitastes; estava na prisão e fostes visitar-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber?” (Mt 25.35,36).

Tema: Celebrando a glória do reino de Deus

Divisa: “[...] O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e de seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” – Ap 11.15b

Hino do período: HCC, nº 378 – Bendita a hora de oração

Eva Souza da Silva Evangelista

Redatora

O RUÍDO DAS MULTIDÕES E O SILÊNCIO DE DEUS

Na década de 1980 uma belíssima composição brasileira chamada “Se eu quiser falar com Deus” fez sucesso nas rádios populares. A poesia tentava de forma absolutamente lírica apontar paradigmas para a conversa entre o homem e o seu Criador. Por razões de fé e por opções teológicas, é possível perceber equívocos nas rimas criadas pelo compositor brasileiro, no entanto, uma delas se sobressai e encontra eco nos textos das Escrituras Sagradas. Para falar com Deus é necessário ter a alma nua. É necessário um esvaziamento de si, aquilo que Jesus chama em seu Sermão do Monte de ser pobre de espírito, no sentido de ser pobre do próprio eu.

Esse autoesvaziamento talvez seja o maior obstáculo para uma vida de oração saudável para os crentes do século 21. Vivemos em uma época em que as pessoas estão cada vez mais cheias. Cheias de atividades, cheias de coisas para ler, ouvir, assistir, consumir, e por último vivemos em uma época em que as pessoas estão cada vez mais cheias de si. No entanto, uma vida de oração saudável vai passar obrigatoriamente pelo caminho do esvaziamento. Os Evangelhos vão apontar pelo menos três dimensões desse esvaziamento.

ESVAZIAR-SE DA MULTIDÃO

“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto” (Mt 6.6).

Uma das grandes dificuldades dos dias atuais é conseguir um pouco de solidão. Cabe esclarecer aqui que a solidão nesse caso não é o sentimento mortificante de se sentir só no mundo, mas aquilo que o escritor estadunidense Henri Nouwen em uma de suas obras chama de solitude. É a opção por separar um tempo afastado das vozes desse mundo para se concentrar na voz de Deus. Em uma época em que interagimos o tempo todo pelas redes sociais está cada vez mais difícil encontrar o lugar secreto

onde falamos e ouvimos a voz de Deus. Boa parte do fracasso devocional do nosso tempo se deve ao fato de não conseguirmos copiar Jesus quando ele optava por se afastar das multidões. Dedicamos horas preciosas do nosso dia interagindo por meio do celular com multidões de pessoas e não conseguimos mais o espaço do diálogo com Deus. É preciso se esvaziar da multidão de vozes para ouvir a voz de Deus. As vozes deste século nos convidam a ler o livro do momento, a consumir os produtos da moda, a ver a série que todos estão vendo, a estar o tempo todo conectados com o trabalho, os amigos, as notícias e até mesmo a igreja e suas atividades. A voz de Deus nos convida a um momento de solidude e reflexão, ouvindo silenciosamente a voz de Deus que ecoa no lugar secreto, quando somos o que somos diante daquele que tudo é.

ESVAZIAR-SE DOS NOSSOS DESEJOS

Em Lucas 22.42 Jesus conclui uma de suas mais emocionadas orações. Diante da iminência da cruz, o Filho de Deus pede para que esse cálice lhe seja afastado, porém, ele próprio salienta, seja feita a vontade do seu Pai. Isso aponta para o segundo problema da cristandade moderna: a vontade do Pai parece já não interessar tanto.

A religião moderna criou os supermercados da fé, onde cada cliente deve ser plenamente atendido em suas vontades, caso o cliente sinta-se insatisfeito deve então procurar outra

loja onde lhe atendam os mínimos caprichos. A oração passou a ser uma das ferramentas dessa religiosidade mercadológica. Jesus vai mostrar nessa passagem o oposto disso. Na oração do Mestre fica evidente a plena confiança na vontade de Deus. A certeza de que mesmo que a vontade de Deus se manifeste em uma cruz ela ainda será o melhor caminho.

O crente do século XXI parece estar aprendendo uma lição diferente. A impressão é que cada vez mais a vontade de Deus só é reconhecida dentro da necessidade particular e momentânea. Ignora-se que o plano de Deus contempla tempos e espaços maiores do que os nossos e, muitas vezes, se manifesta inclusive em desconforto e dissabor.

ESVAZIAR-SE DE SI MESMO

Em Lucas 18.9 Jesus começa narrando a parábola de dois homens que sobem ao templo para orar. O primeiro era um fariseu. Os fariseus eram os mais respeitados intérpretes da lei. Homens que não raramente eram considerados nas suas comunidades, andavam com grupos de discípulos sobre os quais exerciam a função pedagógica de ensinar-lhes as Escrituras. Um fariseu era sem dúvida uma pessoa cheia de importância naquela sociedade. Seu oposto seria o publicano. Na narrativa de Jesus é um publicano que acompanha o fariseu ao templo nessa dupla jornada de oração. O publicano era alguém responsável pela arrecadação

tributária que lançava jugo sobre a população judaica. Era considerado um traidor do judaísmo, um pária, um homem cheio dos mais indefensáveis defeitos. Os dois então começam a orar. O fariseu, cheio de tudo o que lhe fazia admirado naquela sociedade não encontra em si espaço para a atuação de Deus. Suas palavras denunciam seu ego: *“Ó Deus, graças te dou porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como este publicano”* (Lc 18.11). Sua oração era sobre si e para si mesmo. Já o publicano, vazio de qualquer honra social, se esvazia do fardo de seus próprios pecados diante de Deus e só consegue bater no peito e repetir: *“Tem misericórdia de mim Deus, porque sou pecador”*. Ao final da narrativa, Jesus indaga a seus discípulos qual dos dois saiu do templo redimido. Essa pergunta rompe sua temporalidade e continua ecoando para os crentes do século 21.

Só é possível alcançar Deus quando me esvazio de mim mesmo diante dele. Só quando minha religiosidade, minha falsa moralidade, e meus exacerbados conceitos ao meu próprio respeito são demolidos à luz da presença do próprio Deus. Parte da nossa negligência com a oração se deve ao fato de que perdemos o modelo pelo qual devemos nos medir. O fariseu no templo padecia do mesmo mal. Diante de Deus ele se media pelo que havia de pior em sua sociedade, por isso, se achava digno das bênçãos do Eterno; já o publicano na presença de Deus se media pelo próprio Deus, de forma que

só poderia, inevitavelmente, achar-se em falta. Um segue o caminho do louvor ao seu próprio eu; o outro segue o caminho do esvaziamento de si. E somente este conversou realmente com Deus.

CONCLUSÃO

A oração não mudou. A oração não é uma fórmula mágica que, diante da racionalização do ser humano, perdeu o seu efeito. A oração é o que sempre foi, a maneira de dialogar com Deus, de alcançar a sua vontade, de ouvir profundamente a sua voz, e de contar para ele nossas alegrias e tristezas na certeza de que seremos ouvidos e conduzidos pela sua misericórdia. A oração continua sendo o caminho do relacionamento. Nós é que mudamos. A sociedade do século 21 tem vozes demais para ouvir, e mensagens demais para transmitir. Somos cheios de compromissos, de pessoas e de nós mesmos. É necessário trilhar o caminho do esvaziamento para que o silêncio de Deus não caia de vez sobre nossa vida.

André Luiz da Costa Nascimento

Pastor da Segunda Igreja Batista de Austin em Nova Iguaçu;
prof. do Seminário Teológico Batista de Nova Iguaçu;
bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista de Nova Iguaçu;
graduando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

TEXTO BÍBLICOMateus 6; Marcos 1;
Salmo 139**TEXTO ÁUREO**

Marcos 1.35

**DIA A DIA
COM A BÍBLIA****SEGUNDA**

Mateus 6.6

TERÇA

Mateus 6.7

QUARTA

Mateus 6.9-13

QUINTA

Mateus 6.33

SEXTA

Marcos 1.32-35

SÁBADO

Marcos 1.36-38

DOMINGO

Salmo 139.23,24

O QUE É ORAÇÃO

“Quando anoiteceu, depois que o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os doentes e endemoninhados; e toda a cidade estava reunida à porta da casa. E ele curou muitos doentes acometidos de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios; mas não permitia que os demônios falassem, porque eles sabiam quem ele era. De madrugada, ainda bem escuro, Jesus levantou-se, saiu e foi a um lugar deserto; e ali começou a orar. Então Simão e seus companheiros saíram para procurá-lo e, quando o encontraram, disseram-lhe: Todos te procuram. Jesus lhes respondeu: Vamos a outros lugares, aos povoados vizinhos, para que também eu pregue ali, pois foi para isso que vim” (Mc 1.32-38).

O QUE É ORAÇÃO?

Esta não é uma pergunta fácil de se responder. Os próprios discípulos sentiram a necessidade de pedir que Jesus lhes ensinasse a orar. Foi aí que Jesus ofereceu como modelo a oração que veio a ser conhecida como “Pai Nosso”¹.

As Escrituras Sagradas não definem categoricamente o que venha a ser oração. Mas elas fazem menção a muitas pessoas que tiveram a expe-

¹ Mateus 6.9-13.

riência de orar. Ao ler a Bíblia você tomará contato com grandes homens e mulheres de oração como, por exemplo, Abraão, Sara, Moisés, Ana, Davi, Daniel, Paulo, Pedro, mas ninguém teve uma vida de oração tão intensa e tão profunda quanto Jesus.

Os Evangelhos apresentam o Senhor Jesus orando em vários momentos. No texto proposto, Evangelho de Marcos, Jesus está no início do seu ministério público, em um dia muito agitado, lidando com todo tipo de pressão, escolhendo quem seriam os seus discípulos, expulsando demônios, ensinando na sinagoga, curando muita gente.

No final do dia, enquanto se preparava para descansar, uma multidão se dirigiu em direção à casa de Pedro. Ali havia gente doente suplicando por cura; havia endemoninhados, necessitando de libertação, havia gente desorientada precisando de direção. Marcos relata que boa parte dos moradores da cidade de Cafarnaum se dirigiu para a casa de Pedro, onde Jesus se encontrava. O que Jesus fez? Cuidou de todo mundo; curou os enfermos; libertou os endemoninhados; trouxe esperança para aquela gente. E era tanta gente que Jesus entrou pela noite adentro.

Ainda de madrugada, estava escuro, Jesus se levantou e foi para um lugar deserto, e ali orava. Pedro e os discípulos sentindo falta do Senhor, foram atrás dele e, de uma certa forma, recriminaram o fato de Jesus ter dei-

xado para trás as pessoas e suas necessidades e ter-se isolado. O que parece é que tanto Pedro quanto os discípulos estavam tentando dizer para Jesus que não era correto perder tempo, ali sozinho, sem fazer nada, enquanto havia tanto por fazer. Há pessoas que, ainda hoje, pensam exatamente como Pedro e os discípulos. Acreditam que o tempo gasto com oração seria melhor aproveitado trabalhando. Mas poucas têm a coragem de admitir que, bem lá no fundo, pensam que tempo gasto com oração é tempo perdido. A maioria das pessoas se inquieta muito mais do que ora. Porque, na verdade, elas acreditam que deveriam estar fazendo alguma coisa, em vez de orar. E por pensarem assim, tentam fazer do tempo, que deveria ser dedicado à oração, um tempo mais produtivo. É exatamente aí que mora o perigo, quando procuramos transformar o tempo de oração em algo mais produtivo do que apenas estar na presença de Deus.

Antes, portanto, de tentar encontrar uma resposta para a pergunta: o que é oração? Precisamos ter em mente o que a oração não é.

Orar não é um meio para se fazer negócios com Deus. Oração não é barganha. Não é um negócio com Deus. Deus não é um mercador de bênçãos.

Oração não é uma relação utilitária com Deus. Há pessoas que só oram quando precisam que Deus faça alguma coisa. Há pessoas que só oram quando precisam que

Deus resolva algum problema. Para muitas pessoas, Deus é uma espécie de equipamento, que pode ser ligado e usado. E, quando não se precisa mais dele, pode ser desligado e encostado em um canto.

Oração não é um ritual religioso. Onde praticamos um monólogo vazio, sem sentimento, automático, de palavras repetidas. Jesus mesmo nos advertiu quanto à inutilidade das vãs repetições².

Então, afinal de contas, o que é oração?

Uma das respostas possíveis nos é dada por Henri Nouwen:

“Oração é o esforço intencional, concentrado e regular visando criar um espaço para Deus”³.

O que Henri Nouwen quer nos ensinar com esta resposta?

“Oração é um esforço intencional [...]”. A decisão de orar precisa ser nossa.

“[...] concentrado [...]”. Requer foco. Solicita que façamos calar as vozes que falam ao nosso redor. Requer silenciar a nossa voz interna que tenta nos distrair a todo instante.

“[...] regular [...]”. Requer consistência, regularidade. Não dá para pensar em orar hoje e só voltar a orar no mês que vem.

² Mateus 6.7.

³ Christensen, Michael J e Laird, Rebeca J. **Formação espiritual** – seguindo os movimentos do Espírito. Petrópolis: Vozes, 2012.

“[...] visando criar um espaço para Deus”. Este é o grande objetivo da oração, criar espaço para Deus em nossa vida.

Precisamos criar espaço para Deus em nossa vida, porque tudo com o que nos relacionamos ocupa espaço em nós. Tudo o que nos preocupa ocupa espaço em nós. Tudo com o que nos empolgamos ocupa espaço. Tudo o que chama a nossa atenção ocupa espaço. Tudo o que nos faz sofrer ocupa espaço em nossos corações. E quanto mais ocupados, mais preocupados nos tornamos. Se vivemos tão ocupados, tão preocupados e tão sobrecarregados, como é que conseguiremos dar espaço para aquele que diz: *“Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”*?⁴

A vida sem espaço para Deus pode facilmente se tornar estreita para nós. Quando não abrimos espaço para Deus em nossa vida somos tomados pela inquietação e alienação. E quanto mais preocupados, mais somos levados a imaginar que nós temos o controle da vida nas mãos, mais nutrimos a ilusão de que controlamos todas as nossas circunstâncias. Temos a ilusão de que controlamos as outras pessoas. E quanto mais imaginarmos ter o controle da vida nas mãos, mais possessivos, mais defensivos, mais exauridos nós nos tornamos. Vamos nos tornando reféns da agenda, da correria e das nossas ilusões a tal ponto que, aos poucos, vamos nos alienando da própria vida.

⁴ Mateus 6.33.

A vida passa e nós não vemos. As oportunidades surgem, mas nós não nos damos conta. Deus fala, mas nós não ouvimos. O que temos de fazer para não sermos reféns da nossa própria alienação? A resposta é: oração. Oração como um “esforço intencional, concentrado e regular, que tem como objetivo criar um espaço para Deus na nossa vida”.

A vida vai continuar cobrando o seu preço. Cobrando tempo, esforço, talento, enfim, cobrando o nosso melhor. Não há como ser diferente. E, para que a nossa oração tenha como objetivo criar espaço para Deus em nós, vamos precisar aprender a passar tempo com ele. Nesse tempo gasto com Deus, vamos aprender a estar com ele. Vamos aprender a exercitar a percepção da presença de Deus em nossa vida. Vamos aprender a nos despir de toda a ilusão a nosso respeito. Vamos aprender a dizer como o salmista: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”* (Sl 139.23,24).

Depois de aprendermos a abrir mão do controle que imaginamos ter sobre as nossas circunstâncias e sobre as pessoas com quem convivemos, vamos aprender a entregar a nossa vida, os nossos dias, as nossas circunstâncias, aprender a entregar as pessoas com quem nos relacionamos aos cuidados de Deus. Vamos aprender a valorizar tudo aquilo que tem valor para Deus. Vamos aprender a abrir

mão da nossa vontade para fazer a vontade de Deus. Vamos aprender a nos relacionar com Deus como Pai.

É convivendo com o Pai que aprendemos a perceber as coisas boas que acontecem em nossa vida.

Aprendemos a raciocinar com a lógica da Palavra de Deus. Aprendemos a nos comprometer com as mudanças que Deus já começou a realizar em nós. Experimentamos a restauração do nosso caráter e valores. Experimentamos a cura para as nossas mágoas, ressentimentos, temores, vícios que têm o potencial de arruinar nossa vida e até mesmo curas físicas.

Era um dia cheio de demandas, cheio de expectativas, cheio de necessidades, mas antes de tudo e de todos, Jesus estava sozinho, abrindo mais espaço em sua vida para a vontade de Deus. Nós precisamos aprender a fazer o mesmo. Precisamos orar para abrir espaço para Deus em nossa vida.

CONCLUSÃO

O nosso Senhor Jesus nos ensina que Deus quer acrescentar recompensas em nossa vida. Mas para isso precisamos orar, abrir espaço para Deus. Assim, Deus poderá acrescentar em nós tudo o que precisamos. Jesus disse: *“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará”* (Mt 6.6).

TEXTO BÍBLICOGênesis 1; 3; 4
Jeremias 29**TEXTO ÁUREO**

Gênesis 3.8-10

**DIA A DIA
COM A BÍBLIA****SEGUNDA**

Gênesis 1.27,28

TERÇA

Gênesis 3.1-5

QUARTA

Gênesis 3.6,7

QUINTA

Gênesis 3.8-10

SEXTA

Gênesis 3.11-19

SÁBADO

Gênesis 4.26

DOMINGO

Jeremias 29.12,13

ORAÇÃO E A QUEDA

“Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comereis de nenhuma árvore do jardim? Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis; se o fizerdes, morreréis. Disse a serpente à mulher: Com certeza, não morreréis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3.1-5).

INTRODUÇÃO

A oração é a experiência primordial dos seres humanos. Antes de falar consigo mesmo, antes de se comunicar com o seu semelhante, os seres humanos já se comunicavam com Deus, no Jardim do Éden. A primeira voz que os primeiros seres humanos tiveram contato, depois de terem sido criados, foi a voz de Deus.¹

¹ Gênesis 1.27,28.

Já não é mais assim. Depois da nossa expulsão do Jardim do Éden², falar com Deus passou a ser uma tarefa que exige o empenho de todos os nossos esforços. Tanto é assim que o próprio Deus falando por intermédio do profeta Jeremias disse: *“Então me invocareis e vireis orar a mim, e eu vos ouvirei. Vós me buscareis e me encontrareis, quando me buscardes de todo o coração”* (Jr 29.12,13). Isto é, depois da expulsão do paraíso, falar com Deus passou a requerer de nós um grande empenho existencial.

Afinal de contas, o que foi que aconteceu? A resposta está na experiência da queda (lapso). Queda é um termo teológico que se refere ao mais trágico evento da história humana, uma vez que todas as nossas tragédias posteriores são oriundas dela. A queda se refere à ruptura dos seres humanos com Deus, por causa do pecado. A ruptura com Deus ocorreu por termos aceitado a proposta satânica de transferir o eixo decisório da nossa vida de Deus para nós próprios.

Quero tentar explicar isso melhor. Imagine se nós pudéssemos entrar em uma nave do tempo e retornássemos ao marco zero da criação dos seres humanos, e nos encontrássemos com Adão (avermelhado) e Eva (vida) e perguntássemos: “o que nós podemos fazer aqui neste belo Jardim?” Eles responderiam: “podemos fazer praticamente tudo”. E se perguntássemos: “E o que não se pode fazer

² Gênesis 3.3,24.

aqui?” Eles responderiam apontando para árvore do conhecimento do bem e do mal: “Está vendo aquela árvore lá? Não podemos comer e nem mesmo tocar no fruto que ela produz.” E se nós ainda perguntássemos: “Por quê?” Eles responderiam: “Porque Deus proibiu”.

Isto significa dizer que o primeiro casal tinha plena consciência do que era certo e errado. Entretanto, o eixo decisório de suas escolhas morais e éticas estava centrado em Deus. Era Deus quem dizia o que era certo e errado. Não comer o fruto não era uma decisão tomada no isolamento de suas consciências. Não comer do fruto era um ato de obediência a Deus.

Satanás, na tentação, ofereceu uma proposta diferente. Qual? Trocar o eixo decisório de Deus para eles mesmos. Satanás disse: *“Com certeza, não morreréis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal”* (Gn 3.5). Adão e Eva aceitaram os argumentos arditos da serpente. A ideia da proclamação da autonomia em relação a Deus pareceu ser muito sedutora e convincente. Afinal, eles mesmos deveriam assumir os seus próprios destinos nas mãos.

Desde então, os seres humanos passaram a viver em busca de uma suposta autonomia em relação a tudo e a todos, inclusive, em relação a Deus. Essa busca pela autonomia em relação a Deus e a sua vontade é o pano de fundo em que se desenrolou a perdição

dos seres humanos. E, ao nos perder de Deus, nos perdemos de nós mesmos e, também, uns dos outros.

A queda afetou todas as dimensões da nossa existência, sobretudo a nossa capacidade de falar com Deus e ouvir a sua voz. Tanto é assim que depois do impacto da queda e da expulsão do Jardim do Éden, se seguiram mais de 200 anos sem que ninguém buscasse a Deus. Só depois do nascimento de Enos, filho de Sete, é que o nome de Deus passou a ser novamente invocado³. Mesmo assim, desde o nascimento de Enos, *“que os homens começaram a invocar o nome do SENHOR”*, até os nossos dias, a experiência da oração tem sido um tremendo desafio para todos nós. Por quê?

EM PRIMEIRO LUGAR, PORQUE PASSAMOS A TENTAR NOS ESCONDER DE DEUS

Depois da queda, os seres humanos instintivamente passaram a se esconder de Deus. Deus passou a ser visto como um ser que inspira medo. O livro do Gênesis narra como isso aconteceu. Deus, como era de costume, *“andava pelo jardim no final da tarde”*. No momento em que os passos de Deus foram ouvidos, o primeiro casal, agora na condição de pecador, se escondeu *“da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: Onde estás? O homem respondeu: Ouvi a tua*

voz no jardim e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi” (Gn 3.8-10).

Oração e medo não combinam. Ou nós oramos, ou nos escondemos. Não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Agostinho, um dos pais da igreja, tinha total consciência disso. Nas suas *Confissões*, o bispo de Hipona expõe todos os seus pecados, todos os seus erros e toda a sua ignorância diante de Deus. Nas *Confissões*, Agostinho apresenta um gênero autobiográfico que ele mesmo inventou. Antes dele, todas as biografias tinham como finalidade representar os biografados como heróis. Isto é, as biografias muito mais escondiam do que revelavam. Agostinho resolveu ser completamente sincero diante de Deus. Para ele, ser bispo não era um disfarce para tentar se esconder das pessoas e de Deus. Agostinho não tentou se esconder. Foi admitindo exatamente quem ele era, um pecador que precisava de perdão, que ele encontrou a sua verdadeira identidade diante de Deus. A nossa verdadeira identidade é aquela com a qual nós oramos, com toda a nossa sinceridade, diante de Deus. Se queremos falar com Deus, vamos precisar parar de nos esconder e admitir exatamente quem somos.

EM SEGUNDO LUGAR, PORQUE PASSAMOS A TER DIFICULDADES DE ACEITAR NOSSA PARCELA DE RESPONSABILIDADE PELOS NOSSOS ERROS E PECADOS

Confrontado por Deus, Adão admite que pecou, mas transfere a responsabilidades

³ Gênesis 4.26.

pelos seus atos para a mulher. Ele disse: “A mulher que me deste deu-me da árvore, e eu comi” (Gn 3.12).

Não é possível orar e fugir às nossas responsabilidades. Orar é tornar-se responsável diante de Deus. A oração verdadeira é aquela em que nós oferecemos a nossa vida como garantia, a fim de que Deus aja por nosso intermédio e não em nosso lugar.

EM TERCEIRO LUGAR, PORQUE PASSAMOS A NOS VER COMO VÍTIMAS DAS NOSSAS CIRCUNSTÂNCIAS

Confrontada por Deus, a mulher respondeu: “A serpente me enganou, e eu comi” (Gn 3.13). Como se não houvesse nenhuma alternativa a não ser ceder à tentação. No momento em que passamos a aceitar que somos reféns de situações que determinam tudo o que nos acontece, orar deixa de fazer sentido. Para que orar se o nosso destino já está traçado em todos os seus detalhes? É comum, no Oriente, as pessoas pensarem que a vida não passa de um jogo de cartas marcadas. *Maktube* é uma palavra árabe que significa “está escrito”, amplamente usada para afirmar a vida como destino previamente determinado. Embora muitas coisas em nossa vida nos sejam impostas como, por exemplo, nossos pais e a maneira como eles nos educaram, o país em que nascemos, a nossa língua materna, guerras, acidentes naturais, coisas sobre as quais não temos

o menor controle, a verdade é que, apesar disto, ainda nos resta a capacidade de reagir a todas elas.

Em um contexto cultural que todos aceitavam a vida como um destino previamente traçado, o Senhor Jesus inaugurou uma nova forma de pensar. Jesus conclamou os seus discípulos a fazerem escolhas diante de Deus⁴. Jesus ensinou que é possível um ser humano escolher a maneira como construirá a sua vida⁵. Jesus ensinou que era possível amar em vez de odiar⁶. O que o Senhor Jesus estava fazendo? Estava nos ensinando que, apesar de tudo, as escolhas ainda estão em nossas mãos. A maior lição, a respeito da experiência de orar, que Jesus nos deixou foi quando, no Jardim do Getsêmani, aceitou abrir mão da sua vontade para que a vontade de Deus fosse feita.

CONCLUSÃO

Se no Jardim do Éden, com os nossos pais, nós trocamos a oração por uma aventura trágica, em busca de autonomia; no Jardim do Getsêmani, com Jesus, nós recuperamos a capacidade de orar, nos submetendo à vontade de Deus, dizendo: “*não seja feita a minha vontade, mas a tua*”⁷

⁴ Mateus 6.24.

⁵ Mateus 7.24-27.

⁶ Lucas 10.25-37.

⁷ Lucas 22.42.